

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Terça-feira 30 de Abril de 1861.

N. 13

ACAJÁ.

Observadores minuciosos das novidades litterarias, temos o prazer de apontar mais uma — *A Saudade*.

A Saudade é pois um jornal litterario, que tendo já existido, mas em uma época de menos amplidão e gosto, talvez, pela litteratura, teve de abater-se ao peso das idéas materiaes d'essa época, para resurgir n'outra, cheia de vida e de alento.

E' mais um farol que se reacende de luz benéfica; é mais uma prova do que ha bem pouco dissemos; e é mais uma demonstração lucida e energica das tendencias litterarias da mocidade contemporanea.

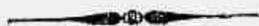
Como proselytos d'essa seita, anhelamos em extremo que a instrução se derrame, que a mocidade se entregue ás letras, que os talentos se revelem, e por fim, que de dia para dia, surjam mais campeões no vasto eirado das letras.

Oxalá que as nossas vozes tenham echo!

Aos novos fundadores da *Saudade*, por outra, a nossos irmãos em lides litterarias, rendemos as nossas homenagens, despidas de qualquer laivo de insidia, pois o fim para que trabalhamos, é cheio de grandeza e magestade e digno de extremados encomios.



O Sr. Bruno Seabra, honrou as columnas da nossa modesta folha, com uma sua mimosa poesia; para ella chamamos a attenção dos leitores.



D. F. CALABAR.

IV.

Com o recurso importante obtido pelos batavos, poderão estes vencer em limitado tempo, o que lhes não tinha sido possível angariar até 20 de Abril de 1632, dia em que Calabar passou-se do campo luso para o contrario, entregando a sua valorosa espada e os seus serviços à disposição da nova causa pela qual ia combater.

Nesse dia — diz o illustrado Sr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro — o sol recolheu-se ao seu occaso para os lusitanos, que virão-o surgir mais tarde no cume dos Guararapes.

Calabar orientou os hollandezes dos meios pelos quaes os inimigos malogravam os seus intentos e incitando-os ao combate, prometteo guial-os á victoria; estes que não ignoravam o valor real daquelle que pouco tempo antes, causava-lhe demasiado terror e que então possuíam em seu gremio, confiavam plenamente nos conselhos que recebiam do seu recente alliado. Os successos que iam adquirindo, mais e mais robustecião a crença que alimentavam de tornarem-se senhores de toda a capitania.

Recomeçada a campanha, mudarão-se as scenas; e, conquanto na surpresa que os hollandezes tentaram contra as tropas ao mando de Mathias de Albuquerque, quando contavam que estas estivessem assistindo aos officios religiosos da Quinta-feira de Endoenças de 1633, fossem desbaratados pela barreira que encontraram, as victorias adquiridas successivamente prognosticavam a realização da promessa que Calabar lhes fizera quando abraçara a causa flamenga.

Assim as phalanges invasoras guiadas por Calabar, conseguiram assenhorear-se da Parahyba, Alagoas, Rio Grande e de quasi todo o Recife, vantagens que fizeram obscurecer o revez do arraial do Bom-Jesus, onde, entre outros officiaes notaveis, ficou morto o Coronel Rembach que commandou esta atrevida expedição.

A historia mostra-nos os actos de bravura de

Calabar, patentea alguns dos estratagemas de que elle lançou mão, e não deixa de descrever as empreheensões temerarias levadas por elle a effeito. Os primeiros são numerosos e portanto prescindimos de sua especificação; os segundos, achão-se comprovados na tomada da fortaleza do Rio Grande, na presa de Ignarassa e de outros bastiões em que tremulava o pavilhão contrario; os ultimos, demonstrão-se facilmente com a conquista da Parahyba, Itamaracá, Rio Formoso e de outras posições.

Calabar teve por fim de aperceber o desaparecimento da estrella que o conduzia á victoria; e, assim como, quasi dous seculos depois, o farol que guiava Napoleão—o Grande—á apoderação de imperios, reinos e cidades, deixou em Waterloo de derramar a sua brilhante chamma; elle que por seus serviços havia obtido o posto de capitão, viu em Porto Calvo, lugar onde nascera, sumir-se o astro refulgente que o impellia ao triumpho.

Uma cilada devida a Sebastião Souto, fez com que o destemido alagoano cahisse em poder daquelles contra quem então pelejava.

Processado como traidor, Calabar foi condemnado, por sentença de Mathias de Albuquerque, a subir ao cadafalso! Nem ao menos forão attendidas as circumstancias de ser elle um guerreiro e que por isso a morte no patibulo acarretar-lhe-ia a infamia!

A sentença imposta á Calabar não se restringia ao decapitamento de sua cabeça! Depois de tel-a o algoz decepada, foi o corpo esquartejado em praça publica, sendo os destroços fincados nas ameias dos fortes conquistados.

E a multidão que aos 22 de Julho de 1635, assistio a todas essas scenas, horrorosas, talvez que se retirasse satisfeita do espectáculo gratuito que tinha presenciado!

E' igualmente crível que por nenhuma face se deslizesse uma lagrima de compaixão pelo suppliciado! que nem se quer um surdo murmuro de indignação assomasse aos labios de qualquer dos circumstantes! Igual sentença foi, 168 annos depois, imposta á Silva Xavier (Tira Dentes), pôr ter tentado libertar sua patria do captiveiro em que jazia!

V.

Os motivos pelos quaes Calabar passou-se para os hollandezes, ainda são ignorados! O facto e os posteriores acontecimentos, todos os nossos historiadores teem descripto; porém, as causas que o levarão a a-sim proceder, ainda se não achão averiguadas devidamente, motivo pelo qual elles preferem deixal-as passar em olvido, do que dar-lhes uma imaginaria interpretação!

Sendo pois desconhecidas as circumstancias que actuárão no espirito de Calabar e das quaes

provierão a sua deserção, porque attribuir-se esse acontecimento como causado por uma maneira infamante á memoria do denodado alagoano, como na sua Historia do Brasil nós apresenta o Sr. Warnhagem?

Pode-se crer que elle se ligasse aos flamengos por haver furtado ao estado? ou o illustrado escriptor quiz, *ad libitum*, dar esse motivo como o unico capaz de obrigar-o a desertar?

E' incostestavel a defficiencia de dados para firmar-se e transmittir-se um juizo mais ou menos consentaneo a semelhante respeito; e, n'uma tal alternativa, mais conveniente se tornava attenuar esse facto, do que aggravar-o por uma forma que acarreta ao seo nome a inadmissivel conversação publica!

E assim como se pôde interpretar desairosamente a deserção de Calabar, não será permitido consideral-a por diverso prisma? Se se admitir a hypothese de ter elle assim obrado por dever á justiça, deixará de ser admissivel a creença de haver elle abandonado os lusos pôr ingratidão e offensas que destes recebêra, ou mesmo pelo amôr?

Sobre todas as hypotheses se pôde pois considerar esse saliente facto da historia do Brasil Colonia, sendo porém indubitavel a injustiça com que, na fallencia de provas, se lançou o ferrete da ignominia sobre a memoria desse guerreiro que, segundo o juizo do Sr. Domingos do Nascimento:

Doime tranquillo á sombra do coqueiro
Na brasileira mansão.

Abril de 1861.

F. T. LEITÃO.

JULIETA.

(Pagina intima.)

Houve um tempo, em que no meu peito fumegava o fogo santo da fé, em que a vida era para mim doce primavera, em que o mundo era bello como o paraíso.

E sabes quando foi esse tempo Julieta, em que eu gozava do perfume embriagador de uma existencia imaginaria?

Foi quando nossos olhares apaixonados se encontrarão, e que o pejo de nossas almas de eriança enrubeceo nossas faces juvenis, e fez abaixar teos olhos de virgem ante a minha presença.

Foi quando no nosso primeiro encontro sentimos nossos corações palpitar por um só sentimento, e que juramos innocentemente um amor puro e constante, que nos acompanhasse até o tumulo.

Eu te amei muito Julieta, e tu, no fim de dous annos, me abandonavas para te entregar a outro!

Perjuraste os teos votos de virgem, lançando um véo negro que me tem acompanhado no meo triste viver.

Fizeste-me heber o calix da dor que me tem absorvido a vida, e eu sinto que um fogo homicida me devora a alma!

E eu que tanto te amava! eu que velaria em redor de teu leito nas tuas noites de agonia, fui lançado no sepulchro do esquecimento!

E elle, o feliz que te amou com um desejo torpe e sensual, abandonou-te em breve, e te fez descer os degraus negros da prostituição até lançar-te no abysmo da libertinagem, onde te roubão as bellezas de teu corpo, depois de mancharem a virgindade de tua corôa de innocencia.

Repellido por ti uma vez, depois de dias de mutua felicidade, eu previ teu destino fatal, e como uma sombra sigo teos passos em toda a parte em que vais.

Tenho com magoa profunda contemplado a senda do vicio que tens trilhado, e espero que estendas tua dextra para mendigar o pão, para eu te abrir os braços de irmão.

A Magdalena da escriptura seguiu o caminho das orgias, mas seo arrependimento e suas lagrimas a purificarão.

Como ella, tu chorarás dia e noite, e depois eu te direi sorrindo:—Julietta eu te amo muito!..

Deixa pois o caminho da prostituição, em que te sorris quando tua alma chora; em que te mostras alegre tendo no coração o crepe negro da dôr, e eu te direi:—Julietta, amemo-nos ainda!

Rio, 27 de Abril de 1861.

AMÉRICO BRASÍLICO.

LYRIOS E ROSAS.

III.

AMOR E MORTE.

§

Debalde recordei-te os dous unicos episodios dos nossos santos amores!

Debalde invoquei as sagradas imagens da poesia!

Tudo foi perdido....

Ai! tu não te pudeste acordar desse profundo somno de morte em que te achas...

Pobre Emilia! morreste na manhã da vida, quando eu ainda tinha no peito tanto amor para dar-te! morreste, — tendo á tua frente um futuro de flores e risos....

§

Murcho lyrio pendido sobre a montanha sem uma gota de orvalho que lhe dê alento, ou um sopro da briza moroa da tarde que o vá bafear, assim pendeste a tua frente alva como jaspe,

coroada de quinze primavéras, sem que uma só lagrima — a não ser a dos olhos do teu amante — viesse chorar a tua morte!

§

Mas perdoa-me anjinho.

Flor das minhas esperanças, — imagem santa das minhas illusões — perdoa-me.

Eu sei que soffreste muito: — eu sei tambem, que por mim muito padeceste, mas oh! se soubesses que de prantos inundarão minhas faces ao ver-te morta — estendida sob a lage branca e enregelada de uma sepultura!

Se soubesses que de amargores tem soffrido minha alma, oh! Emilia — lá do céu onde estás, tu mandarias um sorriso de animação ao triste que vaga á tôa pelas solidões do mundo!...

§

E hoje meo anjo, que voaste para o céu — que vejo teu corpo enregelado nesta sepultura, cabe-me deixar-te uma lagrima, e sobre tua fronte, depor esta grinalda das flores que tanto amaste em vida, e que te acompanharão á tristonha morada.

E' uma corôa de *Lyrios e Rosas*; nada mais tenho para dar-te; pobre como sou, nada mais possuo, minha Emilia. Recibe-a pois — meo amor!

Rio....

ALMEIDA AZAMBUJA.

POBRE FLOR.

§

Pobre flor! embora emmurehecida pelo bafio da vaidade; serás sempre minha!... Eu te amarei sempre!

§

A' pallida flor, mimosa e triste companheira de meus sonhos juvenis, um cántico negou o louco mundo!

Foi cruel, impio, tyranno, negando-lhe um abrigo! Foi cruel! pois roubou-me n'essa flor, emmurehecendo-a, um sentimento que jamais o meo pobre coração embalará no seo berço de delicias!....

§

A' desnudada haste de minha singela flor, risonho julguei dar um mais doce abrigo! Fatal chimera!

Mostrei-a ao mundo, que vaidoso e sarcástico, escarneceu da pobre flor!

Com civados labios, nas castas petalas, o mundo estúpido, vomitou sem dó, crua peçonha de bacchanal orgia! Pobre sim, porém tranquilla, ella crescia no amago de minh'alma.

2

Pobre flor !...

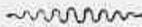
Possão as lagrimas que ora verto, lavar de tua corolla essa peçonha mortifera!

E que eu possa, unindo-te ao meo coração, aquecer tuas frias petalas, já sem brilho.

E possas tu, sobrevivendo a tantas magoas, um dia habitar triste e sózinha, sobre minha campa negra!

SANTOS LEAL.

Novembro de 1860.



Consequencias de um casamento infeliz.

(Original Brasileiro por E. B.)

III.

Assim ficarão por espaço de cinco minutos pouco mais ou menos. Depois a moça sacudiu ligeiramente a cabeça, como quem deseja repellir para longe um pensamento importuno cuja recordação penosa mortifica o espirito; um vivo rubor assomou ás suas faces, naturalmente pallidas, e como que fazendo um esforço sobre si mesma, disse:

« Ernesto, prometti-te esclarecer o mysterio que cerca a minha existencia. E' bem triste e dolorosa para mim essa missão. Vês ante ti uma das mais desditosas mulheres que tem visto a luz do dia. Um juramento de sangue, pesa sobre minha cabeça; para não o quebrar, foi que hesitei tanto tempo em te conceder esta entrevista; mas emfim cumpria-se o meo destino, e o que tem de ser mais tarde, seja agora. A fatalidade tem sido incansavel em opprimir-me com seo jugo de ferro...

« Tu me assustas, Laura! — interrompeo Ernesto que a escutava anciosamente; mas, antes de tudo dize-me se me amas... que seja esta a tua primeira confidencia...

« Oh! Os homens! como são egoistas! se eu não te amasse, continuou ella, a esta hora estarias aqui? em vão quiz combater este amôr que senti germinar em meo coração, que julgava morto; apenas te vi! Procurei illudir-me por espaço de muitos dias, mas a realidade mostrou-me a fragilidade do coração feminino, e a despeito de todas as minhas crenças, amei-te...

« Nesse caso te consideras infeliz por me amares!? Oh! Laura quando eu te dou toda a minha vida, por um unico sorriso que me prodigalizes! disse o moço tristemente.

« Eu te disse, Ernesto, que um juramento de sangue pesa sobre minha cabeça, e quando souberes a historia desse juramento, verás até que

ponto te amo. Quando uma mulher ama, e por esse amor calca aos pés suas mais intimas convicções, e humilha-se perante sua propria consciencia, não tendo força bastante para oppôr ao seo amôr uma barreira insuperavel, é bem digna de lastima!

E a physionomia sympathica da moça mostrava toda a amargura que encerravão suas palavras. A mulher é o ente mais indifinivel que Deos creou sobre a terra. Se uma pensa e procede por uma forma, não julgues que essa vos sirva de norma para ajuizares as outras. O que é olhado como felicidade por uma, outra julgará inteiramente o contrario. E' raro, e até direi que é impossivel, encontrar-se duas mulheres, entre mil, que possuão pensamentos homogeneos. Concorde neste ponto com a opinião do philosopho Saniel Dubay que diz a respeito da mulher o seguinte. « A mulher, se apresenta sob tantos aspectos diferentes, que não devia causar tanta admiração vêr o homem divagar a seo respeito, e sustentar successivamente opiniões contraditorias». Em Laura temos um exemplo. Amando ella, e sendo amada, como se julgava digna de lastima? Uma outra estaria no auge da ventura. Desta vez, porém, saberemos qual a razão porque o pòmo de ouro, só continha fel, e para isso ouçamos o que a infeliz moça vai communicar a Ernesto.

(Continúa)

POESIAS.

AÇUCENA.

Era uma branca açucena,
Deo-me *alguem* a branca flôr;
Douzella que teve pena
Das queixas de meo amor:
Foi uma gentil morena
Pedio-me a branca açucena.

Eu vivo, gentil morena,
Do perfume desta flôr;
Deo-me *alguem* esta açucena
Como um talisman de amor:
Vai ella, e disse, tem pena!
Oh! dá-me a branca açucena!

Nos seios desta açucena
Minh'alma adormece em flôr;
Oh! deix'-a dormir! tem pena!
O somno doce de amor!
Troquemos, disse a morena,
Um beijo pela açucena?!

Fui eu beijei a morena
 Dos rubros lábios na flor,
 E dei-lhe a branca açucêna,
 O meo talisman de amor!
 Ai, nem de mim tive pena,
 E nem d'aquella açucêna!

Ai, minha branca açucêna,
 Ai, minha mimosa flor!
 Cortei o fio, sem pena,
 Do somno de nosso amor!
 Ai, caprichosa morena!
 Ai, minha branca açucêna!

Foi nos seios da morena
 Abrasou-se a branca flor...
 Aquella branca açucêna,
 Aquella prenda de amor!
 Seios de fogo sem pena,
 Queimarão minha açucêna!

O que é da minha açucêna,
 Que é da minha branca flor?
 Agora quem terá pena
 Deste amor-orphão de amor-?
 Dá-me a minha flor, morena,
 Aquella branca açucêna!

E vai responde a morena;
 Aquella mimosa flor?
 Aquella branca açucêna?
 Aquella prenda de amor?
 E a caprichosa, sem pena,
 Deo-me as cinzas d'açucêna!

* *
 *

Ninguem escute a morena,
 Ninguem lhe ceda uma flor,
 Que ella pede uma açucêna
 Para matar um amor,
 E rir-se, depois, sem pena,
 De quem chora uma açucêna.

BRUNO SEABRA. (*Anninhas.*)

SE EU A VISSE...

Corri pelas campinas noite e dia
 Atraz do berço d'ouro d'essa fada;
 Rasguei-me nos espinhos do caminho
 Gancei-me a procurar e não vi nada.

CASIMIRO DE ABREU.

Se eu a visse!... quem me dera vel-a!
 Seo rosto meigo, contemplar quem dera!
 Se eu a visse!... me arrojára ás plantas
 D'essa madona que em meo peito impéra!

Ai! se eu a visse!... no languor da aurora
 Branca açucêna trescalando olores;
 Pallida virgem de madeixas soltas,
 A fronte ornada de mimosas flores:

Eu a adorára, qual se adora um anjo,
 Visão celeste, emanação divina;
 Archanjo bello, cherubim formoso,
 Ou da natura — a criação mais dina.

Mas, se eu a visse messalina impura,
 Astuta harpia—no bordel, vendida,
 Qual outra Nise, requintada em crime:
 Eu lhe arrancára de seo peito a vida!

Mas não! não pode nos virgíneos seios
 D'um terno archanjo, triumphar Satan!
 Não pode o nume que minh'alma adora
 Na fronte bella, ter escripto—é vã!

.

Ai! se eu a visse!.... quem me dera vel-a!
 Seo rosto meigo, contemplar quem dera!
 Ai! se eu a visse!.... me arrojára ás plantas!
 D'essa madona que em meo peito impéra!

SILVIO RANGEL.

~~~~~

\*\*\*

O' homem que fizeste? tudo brada:  
 Tua antiga grandeza,  
 De todo se eclipsou.....

PADRE CALDAS.

Quando fervem no peito desenganos,  
 Quando n'alma sopitão soffrimentos;  
 Assemelha-se o homem ao arbusto  
 Açoutada a ramagem pelos ventos.

Quando cahem no peito gota á gota,  
 Os venenos que matão docemente,  
 Elle mostra-se então qual o pinheiro  
 Que roído se prostra lentamente.

E' mui duro soffrer-se sem consolo,  
 Quando n'alma se alenta uma esperança;  
 Quando temos na mente uma scentelha  
 Que nos diz: eia, avante, não descança!

Que me importa que os homens me desprezem  
 Que maldigão meus dias, se eu a morte  
 Não receio, nem temo, pois ao fraco  
 Só é dado queixar a dura sorte!?

Volva o mundo seos annos luctuosos,  
 Guarde a terra despojos mais queridos;  
 Que sorrindo verei as imposturas  
 Confundir-se tambem no pó dos idos.

Não me importa que morrão desgraçados,  
Que vorazes maculão nossos dias;  
Só lastimo essas almas que se perdem  
Na profunda infernal das agonias....  
1860.

J. BARBOSA RODRIGUES.

## PENSAMENTOS.

§

O sabio em um povo sem illustração é como  
uma rosa no deserto, onde os insectos a puigem  
e maltratão, não sabendo prestar os seus perfu-  
mes, nem admirar a sua belleza magestosa.

MARQUEZ DE MARICÁ.

§

Uma doce melancolia é preferivel aos gozos  
terrestres, e uma lagrima de amor vale mais  
que o universo inteiro.

ZIMERMANN.

§

Desgraçado o escriptor que da arte de pensar,  
faz um trafico infame de lisonja.

MR. THOMAZ.

§

Um leito nos vê nascer e morrer; é o theatro  
variavel aonde o genero humano representa al-  
ternadamente interessantes dramas, risiveis fac-  
ças, e espantosas tragedias.—E' um berço guar-  
necido de flores; e o throno do amor é um se-  
pulchro.

\*\*\*

## PAGINA NEGRA.

A' minha irmã Carlota M. D. S.

He noite Carlota! O bronza da torre reper-  
cutindo o som monotonico d'Ave-Maria nas verdes  
montanhas, faz ainda repetir, a ultima badalada  
que me fêre as fibras do coração!

E' hora de poesia... é hora de saudade e de  
ternas recordações para mim, quando se vão  
reclinando os languidos raios do sol, deixando  
o azul do céu puro e bello !... E' hora essa que  
me recorda do céu de minha patria— o primeiro  
céu que vi— E como é bello quando a noite  
jança seo negro manto sobre as bellezas da  
terra, e a deixa triste, silenciosa e calma!...

E lá vem então adejando o gentil pyrilampo,

viendo nas brancas praias as ligeiras vagas do  
manso oceano beijar a margem. Tudo é silen-  
cio!... Não se ouvem os poeticos gorgeios das  
meigas avezinhas que repousão nos seos amo-  
rosos ninhos!

Ah! Carlota, ainda me lembro e tenho sau-  
dades d'essas verdes campinas onde juntinhos  
pelo santo amor fraternal, iamõs correr como  
as lindas borboletas multicores.

E agora Carlota, jáse tem consumido—*dous  
annos, dous seculos e dous infernos* sem que  
possa ver-te! Porém, a esperança de um dia  
ainda poder-te abraçar, tem-me feito pairar  
sobre este pèlago d'enganos sem que acho alivio  
para meo pobre coração!

A esperança, essa casta filha do senhor, tem-me  
feito nascer o animo de ainda sobreviver algum  
tempo ... porém pouco!

Agora que a vida devia sorrir-me, como a flôr  
deserta que no verde campo principia a desa-  
broxar, eu Carlota, aborrego a vida, essa pala-  
vra vã, esse sonho que se agora é delicioso, logo,  
ao despertar, causa horror!

Estou triste como sempre fui... porém ouço  
o piar medonho da coruja agoureira que me  
faz crear certa emoção e arrepiarem-se-me os ca-  
bellos .. porém o que? será a hora suprema de  
meo soffrer? não!... não quero morrer sem ver-  
te, e essa lembrança rãa-me o coração! essa  
lembrança é que me tem feito muitas vezes  
baixar o ferro homicida que tenho levantado á  
minha pobre existencia que só devo á Deus!

Essa lembrança Carlota é que me tem tirado  
das bordas do negro abysmo em que me ia  
precipitar, e voltar ao cruel labyrintho da vida que  
desprezo tanto; porém se minha firme espe-  
rança se esvoaçar, talvez breve terei de deixar o  
mundo... talvez breve teo pobre irmão te de-  
dique o ultimo suspiro, e espero então Carlota,  
que o recebas com duas crystalinas lagrimas de  
teos fulgurantes olhos!...

Adeos Carlota.

Rio, Dezembro de 1860.

JUVENA. D. SILVA.

## Carta do taverneiro Roda- valho á sua namorada.

« Minha Querida Xinfonia.—

« Eu amo-te muito! As vezes *concertando* o  
vinho no fundo escuro do armazem, calculo na  
côr arroxçada desse balsamo divino *os quarti-  
thos* de negra saudade que tenho *engarrafado*  
no fundo do meo coração; choro, e as lagrimas  
correm-me pelas faces *avinagradas* como gotas

de *agoardente*. Já tenho o peito *escalado* de dores, como um *panno de toucinho* e tu, ingrata, és sempre a mesma, como um *bacalhão de amostra*! Se avaliasses as *libras* dos meus affectos, verias querida Xifronia, as *arrobas* de sympathy que te consagro, e poderias, se não fosses tão cruel, viver deste amor *alcoolico*, na doce embriaguez de um riso meo, sempre circundada de carinhos como são os queijos pelos ratos!

« Se eu pudesse, donzella, *encanteirar* no teu coração todos os *barris* que tenho enchido de pranto desde que te amo, podia obter um lucro espantoso do teu amor; porém, como me prohibes desse *deposito de ternura*, concede-me ao menos que faça em cada um dos lados do teu peito, *prateleiras corridas*, onde possa com segurança arrumar todos os meus desvelos! »

« Não julgues pela humidade do balcão, no qual vivo encerrado, frieza no *negocio* dos meus sinceros protestos. A gaveta de minhas *promessas*, constantemente está azinhavrada!

« Já vês, portanto, pelas *esperanças* que diariamente *appuro*, ter *quantia* sufficiente para *sustentar* os teos desejos! E não mandas *trocár* por uma *nota* de teos merecimentos, as *moedas* que *attestão a fé* dos meus juramentos e a *riqueza* da minha confiança! ?

« Se não merecer uma resposta tua que anime o *expediente* de minhas supplicas, terei de pesar todas as occurrencias *amorosas* e dar *balanço* ás *entradas e sahidas* dos versos que houverão durante o periodo de nossa amizade, e ver, no palpitar *activo* de um suspiro, o no languor *passivo* de um ai, o que ganhei em paixões! »

**XIFRONIA.**

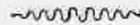
Sonhos que te figuravão  
Muitos tive e variados,  
Uns mimosos e doirados,  
Outros que me arrebatavão,  
Quando de ti me fallavão  
Linda açucena da veiga,  
Que vezes, pallida, meiga,  
Julgando que te abraçava,  
Agarrado me acordava  
— A um *barril de manteiga*!

Quando está limpa a balança  
Que teu gesto me retrata,  
Logo o desejo me assalta  
Cresce-me altiva esperança;  
De gosto a saudade alcança  
Beijos de terna ousadia,  
Nem m'impelle a phantasia  
Que exalta o merecimento;  
Apraz-me e quero um momento,  
— *Pesar-te como a letria*!

Se estou sardinhas fritando,  
Ferve-me o amor no peito,  
Bellas quadrinhas ageito  
Teos olhos elogiando;  
Vou pouco a pouco chegando  
Mais carvão ao fogareiro...  
Só me pesa ser caixeiro  
E que o patrão me observe,  
Porque dirá: *Não me serve*  
— *Ponha-se ao fresco bregeiro*!

Junho de 1850.

D. M. C. DO NASCIMENTO.



**UMA VICTIMA DO AMOR.**

**ORIGINAL BRASILEIRO.**

(Continuado do n. 11.)

— Que tem Sr. Carlos? perguntou Julio em tom secco e rispido.

— Nada, respondeu Carlos, e deixou-se ficar no mesmo lugar.

— Como! O Sr. não tem nada e chora?!

Carlos levou o lenço aos olhos e depois de enchugar as lagrimas que os inundavão, disse a Julio.

— Choro sim, Sr. Julio; não lhe parece isto extraordinario?

— Na verdade....

— Pois eu lhe digo porque choro. Para que occultar-lhe o que o meo peito esconde, quando meos olhos o patenteião? Eu amo sua prima.

— Senhor!... disse Julio.

— Não se altere, meo amigo, seria inutil; não acaba de ver que ella não me ama?

— Comtudo... é um abuso!

— Seria, se eu fosse um homem sem sentimento, e a prova do contrario está em querer retirar-me amanhã desta casa.

Quero retirar-me para não discordar dous corações que se achão vinculados pelos laços do amor; quero retirar-me para ir longe d'aqui supportar as torturas que minh'alma soffre; emfim... quero retirar-me para esquecer-me de sua noiva, e lembrar-me sómente da Srz. D. Emilia, filha de minha segunda mãe.

E novas lagrimas vierão inundar as faces de Carlos.

— Sr. Carlos, isto é uma fatalidade! disse Julio compassivamente. Resigne-se, que talvez ainda encontre a mulher que tem de fazer a sua felicidade.

— E' impossivel ! respondeu Carlos. A mulher que devia fazer a minha felicidade, dentro em poucos dias... pertencer-lhe-ha. Só se ama uma vez na vida, Sr. Julio !

As palavras de Carlos erão accentuadas, seos olhos brilhavão, seos labios erão convulsos, seo todo era o de um louco.

— Vá repousar um pouco meo amigo; bem comprehendo o seo soffrer, e em vez de censural-o, sou o primeiro a respeitá-lo.

Vamos a seo quarto.

D'ahi a minutos dizia Carlos a Julio :

— Mco amigo, faça-me o obsequio de fazer as minhas despedidas á senhora sua Tia, e dizer-lhe que levo indelevel em meo coração, os trabalhos, desvelos e incommodos que lhe causei durante minha enfermidade. E o senhor, a quem eu deveria olhar como um emulo, póde contar que em mim só tem um dedicado amigo, prompto sempre a servil-o.

— Quanto ao que me pede será satisfeito ; e quanto á amizade que me offerta, recebo-a com jubilo, e acredito firmemente n'ella.

— Obrigadissimo, disse Carlos, apertando a mão de Julio. Resta-me ainda saber de uma cousa.

— Diga Sr. Carlos.

— Consente que eu assista ao seo casamento ?

— E porque não ! ?

— Oh ! é muita bondade de sua parte !

— Faça o meo dever. O senhor não é meo amigo ?

— Ainda o duvida ?

— De certo que não.

E disserão os ultimos adeoses.

### VIII.

D. Maria entrando no quarto de Emilia, encontrou-a atirada em uma poltrona, e suffocada pelas lagrimas e ysta'inas que se escoavão de seos bellos olhos.

— Que tens, minha filha, que te acho n'este estado, e tão bruscamente sahiste da sala ! ?

— Não me interrogueis mais minha mãe, por que a dôr que sinto me impede de poder-vos responder.

— Minha filha ! quem mais no caso do que eu para saber de teos soffrimentos ? Anda, conta-me o que sentes. Não posso ver-te soffrer sem soffrer tambem contigo, disse D. Maria abraçando Emilia, e com os olhos gotejando lagrimas.

— Oh ! minha boa mãe ! bem reconheço que sois a pessoa mais habilitada para indagar de meos soffreres, mas ha dores que não nos deixão exprimir a intensidade dellas ! O que eu sinto é impossivel de vos poder contar ! Só vos digo,

que sou muito infeliz, oh ! muito ! E novas gotas de aljofar orvalharão as pallidas faces de Emilia.

— Dize-me só porque padeces !

— Porque amo, disse Emilia occultando o rosto no regaço de D. Maria.

— Mas se amas, minha filha, não é isso uma grande felicidade ? E de mais, tu és correspondida....

— Sou, é verdade, e antes o não fôra !

— Como ? não te comprehendo !

— E para que comprehender-me ?

— Minha filha, precisamos esclarecer-nos.

— Sim, minha mãe, estou resolvida a contar-vos tudo, disse Emilia levantando-se cheia de energia.

— Eu te ouço: falla.

— A pessoa a quem amo não é Julio.

— Não é Julio ? ! repetio D. Maria no cumulo da admiração. E então quem é ?

— E' esse moço que está em nossa casa, preferio Emilia sem hesitação.

— Carlos ?

— Sim, minha mãe.

— Oh ! Deos de misericordia ! exclamou D. Maria, angustiada. E Julio minha filha ? !

— Não vos affijais, minha boa mãe, eu caso-me com Julio. Sacrificarei o meo amor sómente para não desgostá-lo, pois sói que elle me ama com insania.

— Ainda bem, minha filha. Nunca julguei que quizesse desfazer os elos que te devem prender a elle perante Deos ! Deixa dar-te um beijo. Anda, deita-te, e sonha com o risonho futuro que o amor de Julio te prepara.

ED. Maria imprimio na fronte bella de Emilia um beijo santo e maternal; tão casto, como os osculos das brizas nas petalas das flores. Emilia ficando só em seo quarto, ternou a sentar-se na mesma poltrona, e deo livre curso ás lagrimas, que por momentos reprimira.

Outro tanto acontecia á Carlos, que passeiando no seo quarto, parecia entregue a mortal desespero.

Só Julio se achava entregue a doce embriaguez, pensando na sua proxima felicidade.

Como é o mundo !

(Continúa.)

As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.ª rua do Cano n. 165.